LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA – A VIDA E OBRA DE J. BORGES

MONIQUE BISPO DOS SANTOS

RESUMO

Este artigo científico buscou estudar a vida do artista pernanbucano José Francisco Borges, conhecido como J. Borges e a relação da literatura de cordel com a xilogravura com patrimônio da cultura nordestina, ambas são artes populares e ganham maior visibildade e reconhecimento a partir da segunda metade do século XX. Para isso a metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica, coletando informações de diversos artigos cientifícos do repositório Google Acadêmico como livros, artigos cientifícos e bibliograficos, pesquisas, resvistas e outros documentos disponibilizados na paltaforma. Diante disso, verificou a importante contribuição do artista plástico J. Borges que tornou-se referência nas artes visuais e literarias, tanto no Brasil quanto intercionalmente, suas obras trazem com sensibilidade o cotidiano do sertão nordestino, trazendo a cultura e estética da região nordestina do país, sendo essencial para a arte brasileira. Enfim, este artigo reafirma J.Borges como um dos principais cordelista e xilogravurista para a valorização e expansão da arte brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Arte brasileira. J Borges. Literatura de Cordel. Xilogravura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, tem o intuito principal de pesquisar a vida e a produção artística de José Francisco Borges, mais conhecido como J.Borges, um dois maiores e mais conhecidos artista pernambucano do nosso país. Reconhecido principlamente internacionamente pela literatura cordelista e arte de xilogravura, J. Borges é uma figura emblemática que representa, com autenticidade e sensibilidade, a alma do povo nordestino por meio de sua arte. A escolha do presente tema está pautada em sua relevância social e cultural, visto que o artista pernambucano é um dos pionoreiros na arte de xilogravura no nosso país. A pesquisa busca, não apenas apresentar a biografia de J.Borges, mas também mostra a importância da litertura de cordel e da xilogravura como formas legítimas de expressão artística. Assim, espera-se que através da leitura deste, o leitor possa compreender os conceitos abordados, interessar-se pela literatura de cordel e a xilogravura.

Acredita-se que a Literatura de Cordel seja um patrimônio histórico da cultura nordestina, porém sua origem veio da China, mas encontrou forças especialmente do nordeste do Brasil, onde desenvolvem caractéristicas próprias. Antigamente os livros eram raros, o índice de analfabetismo eram enormes e os folhetos de cordéis foram uma maneira acessível de comunição com o mundo da leitura. Os folhetos pendurados em cordões traziam a realidade do cotidiano dos seus autores, com versos repletos de rimas e ritmos, normalmente eram vendidos em feiras por um baixo preço.

As xilogravuras são desenhos populares obtidas por gravuras talhadas em madeira, que ilustram a riqueza da cultura nordestina como o cangaço, reis e rainhas e a religiosidade, vieram para complementar a lteratura de cordéis, assumindo um papel de destaque nas capas dos folhetos de cordéis. Atualmente a arte estampa além das capas dos cordéis, mas também quadros, bolsas, peças de decorações, roupas e são vendidas intercionalmente.

Para a realização deste trabalho, foram realizadas pesquisas no repositório Google Acadêmico, onde realizou-se leituras de livros, revistas, artigos e, também, pesquisas na internet, a partir desse estudo foi possível construir os conceitos deste trabalho.

Assim, este estudo pretende ser mais do que uma simples bibliografia, ele busca ser um covite à valorização da cultura nordestina e o reconhecimento das raízes populares, que vão passando de geração para geração.

DESENVOLVIMENTO

Um dos tesouros da cultura nordestina do Brasil, os cordéis eram pendurados em cordas e vendidos em feiras populares. De acordo com Galvão (2001), nesse período houve a construção de uma “rede de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títu-

los foram publicados, um público foi construído e editor deixou de ser exclusivamente o poeta".
A literatura de cordel chegou à América Latina através de colonizadores portugueses e espanhóis. O Cordel em Portugal era chamado de "Folhas Soltas", na Espanha era conhecido como "Pleitos Sueltos" e na França "Littérature de Colportage". Quando chegou ao Brasil ficou conhecido como Folheto de Feira ou Literatura Popular em versos, de acordo com os estudos de Santos (2005).

A literatura popular (folhetos de feira ou ainda folhetos de cordel), no Brasil, surgiu aproximadamente em 1890, nas feiras nordestinas. De modo geral os folhetos de cordel são textos em versos com impressão em folhas de papel de baixa qualidade dobradas e encadernadas, com capas ilustradas em xilogravuras, desenhos ou ainda imagens de jornais cujo formato e quase sempre 11x16 cm, com 8, 16, 32 e 64 páginas (é considerado folheto de 8 e 16 páginas, e partir de 24 páginas é chamado de romance). Os folhetos de cordel são impressos, tradicionalmente, em oficinas de tipografia. (SANTOS, 2005)

Inicialmente os poetas chamavam os folhetos de codéis de "sem capa" ou "capa cega", pois suas capas não possuiam ilustrações ou qualquer outro tipo de linguagem não verbal, apenas dados importantes como nome do autor, título, resumo e algumas propagandas, ao longo dos anos a estrutura da literatura contituiída pelos cordelistas passaram por uma evolução, surgindo a capa e suas ilustrações.
A arte da xilogravura é um técnica de impressão que consiste basicamente a gravação de desenhos e letras sobre a madeira, que é entintada (com tinta colorida ou apenas preta) e pressionada contra o papel, gerando a reprodução da imagem. Sua origem veio da China, no século VI, na Idade Média espalhou-se pela Europa e Japão. O termo xilogravura vem da origem grega, sendo provindo das palavras "xylon" que significa madeira e "graphein" que significa escrever.
A origem da xilogravura também está relacionada a estamparia de tecidos, durante um longo período povos como indianos, persas, egiícios, japoneses e chineses usavam essa técnica para a produções de diversos tecidos (Hashimoto, 1992), sendo ampliada para a estamparia de roupas.
Em 1808, a arte da xilogravura chega ao sudeste do Brasil, mas precisamente no estado do Rio de Janeiro junto com os portugueses e seus maquinários para a implementação de gráficas como a Imprensa Régia, Arquivo Militar e Fábrica de Cartas, porém essa afirmação foi contestada por Costella (2003) que afirma que os japoneses, os indianos e outros povos já faziam xilogravuras no mesmo período, já no Brasil ele afirma que os indígenas foram os pioneiros nas xilogravuras. Segundo Costela:

Segundo antigos relatos de viajantes, foi possível contatar em várias tribos o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, desenhos ritualísticos na pele do corpo humano e, mais raramente para estampar peças de indumentária. Mais de duzentas tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se dessa técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. (COSTELLA, 2003 p.50).

As primeiras editoras foram instaladas em grandes centros urbanos, devido o mercado editorial brasileiro estar em desenvolvimento e necessitar de mão de obra. Em meados do século XIX, os maquinários tornam-se antiquado e chegam ao nordeste brasileiro, mais especificamente no estado do Ceará.
No nordeste do país não existiam editoras, então as máquinas que eram antiquadas, tornam-se fundamentais para a contrução de literatura na região, inicialmente a xilogravura era utilizada como produção utilitária, porém a tipografia assume esse papel e os artistas começam a ter mais autonomia sobre a matriz, utilizaram a arte inicialmente para como ferramenta política nos jornais com satíras e retratos, em seguida a técnica de xologravura desponta e ganha uma nova maneira de criação como relata Carvalho (1995):

A interiorização foi fundamental para o surgimento do folheto de cordel, impresso que partia de um cânone oral, de forte divulgação no Nordeste brasileiro. Esta Indústria

Cultural popular, na antecipação do conceito frankfurtiano de Adorno e Horkheimer e sua recontextualização sertaneja, passou a recorrer à xilogravura para a elaboração de capas dos folhetos de feira, o que evidenciou o aspecto de encomenda e deu argumentos para os que defendem este viés utilitário que vai marcar toda a trajetória desta manifestação de cunho popular. (Carvalho, 1995, p. 144)

A maioria dos artistas nordestinos que utilizavam a técnica da xilogravura para as capas de cordéis eram de classe baixa, vendiam seus folhetos por um ou dois reais nas feiras, a produção possibilitou a movimentação monetária destes artistas, como o José Francisco Borges que através das suas artes com suas próprias caractéristas, tornou-se conhecido com a manifestação genuína da cultura nordestino.

O artista plástico J. Borges, nascido em 12 de dezembro de 1935, no município de Bezerros, cidade do agreste pernambucano, é considerado como o mais importante artista plástico da cultura brasileira, que por meio da xilogravura e da literatura de cordel retrata o imaginário popular nordestino, utiliza da narrativa para a construção de suas obras.

Filho de família pobre, com oito anos já trabalhava com o seu pai Joaquim Francisco Borges na lavroura, mas foi com dez anos que J. Borges decide ir á feira para vender colheres de pau que ele mesmo produzia para auxiliar nas finanças da família, em seguida começou a vender cordéis, cursou apenas dez meses a escola e não sabia ler corretamente, através das recitações dos folhetos, observava a estrutura e construções dos textos, onde aprendeu a ler.

Posteriormente decidiu virar cordelista, aos 21 anos foi incentivado pelo poeta e amigo Olegário Fernandes, a contar suas próprias histórias, as vivências como vendedor de cordéis na feira foi fundamental para o seu repertório, porém não possuia recursos financeiros para as ilustrações das capas dos folhetos, como cita Santos:

Em poucos dias vários exemplares foram vendidos e o resultado dessa primeira experiência incentivou novas criações. No entanto, com a dificuldade de conseguir clichês para a ilustração das capas dos folhetos, e sem dinheiro para a gravura, pegou um pedaço de madeira, pegou um lápis e desenhou uma igreja. Como ele nunca tinha ido ao Ceará, talhou as duas torres para lembrar a Matriz de Juazeiro do Norte, e só percebeu o engano tempos depois – a igreja só tinha uma torre. (Santos, 2009, p.79)

A partir deste momento, o artista pernambucano começou a ilustrar as capas dos folhetos de literatura de cordel, sua primeira gravura foi para a sua segunda narrativa, titulado como "O verdadeiro Aviso de Frei Damião sobre os Castigos que Vêm". Com o passar do tempo, o artista foi se aprofundando na técnica, explorando possibilidades e criando afinidade com a xilogravura, tornado esta arte fundamental para o seu trabalho, as ilustrações complementavam seus folhetos.

O cordelista e poeta brasileiro J. Borges durante sua vida construiui sua trajetória unindo as técnicas de xilogravuras com os folhetos de cordel, sendo responsável por mais de 313 (trezentos e treze) títulos, destaca-se os clássicos do gênero como: A chegada da prostituta no céu, a hsitória do homem do porco, a chegada de Frei Damião em Joazeiro, Confissão de Lampião com padre Cícero, Exemplo da moça que viu o Diabo, A noiva que engasgou-se com a moela, No tempo em que os bichos falam, entre outros.

A obra “No tempo que os bichos falam” é um exemplo da evolução da literatura de cordel, onde o artista nordestino conta a história dos animais com com linguagem clara e rimada: “O Macaco é bicho esperto; O Jumento trabalhador; O Macaco é mais alegre; O Jumento mais sofredor; O Jumento sofre calado; O Macaco é chiador. O Bode é conquistador; E só anda perfumado; E nos atos de amor; O Porco é muito calado; O Porco é mais moralista; O Bode é mais depravado”.

A escrita do texto juntamente com capa ilustrada por uma xilogravura em preto e branco repleta de detalhes, nota-se que suas obras são compostas pelo bom humor, críticas sociais, religião, cotidiano nordestino. Outro exemplo é a obra titulada como “ A chegada da prostituta no céu”, é uma narrativa que conta como o diabo quer atrapalhar a

entrada da prostituta no céu, porém São Pedro tem poder superior, o desenho da capa ilustra bem o poder, pois o diabo parece pequen e na parte inferior do desenho, já São Pedro bem maior que ele na parte superior, a representação do diabo é muito presente na literatura de cordel como relata o artista:

O diabo é o mais importante personagem da literatura de cordel. Ele é muito atrevido, porque o povo todo teme o diabo. Não existe. Existe só o entendimento. E foi bom que existisse na mente do povo para amedrontar, senão a coisa ficava muito pior. No meu modo de pensar, não existe diabo. Existe só na ficção, mas ele amedronta todo mundo. Quando ele aparece é de uma forma que alguém se assusta. Mas tem que saber trabalhar e, dentro da escrita do cordel, fazer ele [sic] como inferior e dar um toque, maltratando ele (Borges, 2006, p. 69 apud Ferreira, 2006, p. 69).

A transmissão da literatura de cordel pode ocorrer de três maneiras sendo elas: oral, escrita e pela ilistração, Carvalho (1995) comenta que “Quando a tradição oral, que se manifestava como repentes ou pelejas de viola contando as histórias e "causos" populares nordestinos, ganhou o formato de literatura de cordel”, essa manisfestação presente nos cordéis auxiliou a inserção da população não alfabetizada, que após a apresentação dos artistas nas feiras compravam os folhetos.

As ilustrações das capas também desempenharam um papel fundamental para a população não alfabetizada, pois retratam a narrativa da história, porporcionando ao leitor e ouvinte uma vivência estética e significativa. O campo das artes além de extenso e subjetivo é interdependente, a literatura de cordel, por exemplo, coexiste com a xilogravura. Souza (2007) define xilogravura como: "A arte de gravação em madeira e o resultado de sua estampagem sobre o papel ou outro material.”.

O documento mais antigo reconhecido o cordel foi editado por por Chagas Baptista em 1907, que encontra- se nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, trata-se de um acontecimento marcante para os cordelista do país, pois torna-se uma das mais importante expressões artística associdadas ao cordel. Esse marco comprova que a literatura de cordel começou a circular impressa, ganhado força e autonomia entre a população mais humilde do Brasil. No ano de 2007 comemorou-se o centenário deste importante escrito, o que afirma a relevância deste documento para a história e cultura da obra, como afirma Luyten (1983), “o cordel é um dos poucos gêneros literários populares que mantêm viva a tradição oral e, ao mesmo tempo, se fixam no suporte impresso, democratizando o acesso à literatura e à cultura".

Na década de sessenta a arte de J. Borges passou a ser reconhecida nacionalmente como uma atividade cultural, considerada pelo escritor Ariano Suassuna o melhor xilogravurista do país, de acordo com a enciclopédia do Itaú Cultural. Foi condecorado com a comenda da Ordem do Mérito pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, recebeu o prêmio UNESCO na categoria Ação Educativa/Cultura. No ano de 2005, é registrado em Bezerros, no estado de Pernambuco, o nome de J. Borges como Patrimônio Vivo de Pernambuco (Amorim, 2014). Suas xilogravuras foram expostas em diversos espaços culturais brasileiros como: Museu da Arte Moderna, Museu Nacional, Faculdade de Letras e o Serviço Social do Comércio no estado do Rio de Janeiro. Em São Paulo, o Pavilhão do Ibirapuera e a Galeria Bode. Em Salvador, a Aliança Francesa. Em Brasília, a Fundação Pró-Memória, o Ministério do Interior, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, a Livraria Presenças e a Aliança Francesa. Em Caruaru, a Casa de Cultura João Conde, e em Recife, o Congresso Brasileiro de Psicanálise. Expôs também em Londrina, Juazeiro do Norte.

Suas obras também ultrapassaram os muros brasileiros, o artista viajou para diversos países como Estados Unidos, Suiça, Venezuela, Chile, tendo suas obras expostas em museus pelo mundo como o Louvre (França), o de Arte Popular do Novo México, o de Arte Moderna de Nova York (Estados Unidos) e a biblioteca do Congresso norte-americano (Washington, Estados Unidos). Em 2023 o atual Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva juntamente com a primeira dama Rosângela Lula da Silva, em visi-

ta ao Vaticano (Itália) presentearam o Papa Francisco com a xilogravrura de noventa e seis centímetros de alutra e sessenta e seis centímetros de largura, "A Sagrada Família – Jesus, Maria e José" feita por J.Borges, sendo um marco para história da arte brasileira.
A importância do seu trabalho é retratada através de diversos prêmios colecionados durante sua trajetória como Fundação Joaquim Nabuco (1990); o Prêmio de Gravura Manuel Mendive, na 5ª Bienal Internacional Salvador Valero (Venezuela, 1995); a Comenda Ordem do Mérito Cultural (1999, Ministério da Cultura), entre outros.
Infelizmente o artista plástico, cordelista e xilográfo faleceu aos 88 anos, em 26 de julho de 2024 em sua cidade natal, por problemas de sáude (pulmão e coração), mas sua arte continua viva, através do "Memorial J. Borges", que fica localizado no munícipio de Bezerros em Pernambuco, onde abriga o Museu da Xilogravura, ateliê e loja. Atualmente o Memorial funciona de segunda a sábado, recebe visitas de turistas de diversos países e oferece cursos sobre a técnica da xilogravrura e a literatura de cordel para a população, sendo administrado por um dos seus dezoito filhos, o Pablo Borges, que também é artista e sua família, que seguem os ensimamentos do artista, levando a arte da xilogravura e a literatura de cordel para os quatro cantos do mundo.

METODOLOGIA

A presente artigo caracteriza-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, com procedimentos bibliográficos, pois propõem buscas e análises sobre a literatura de Cordel, arte da xilogravura e a trajetória do artista José Francisco Borges, que serviram de parâmetro para a fundamentação da teórica desta pesquisa. Desta forma, busca investigar por meio de fontes técnicas e materias documentais aspectos relacionados ao tema do estudo escolhido. Segundo Gil (2022, p.44) a pesquisa bibliográfica "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".
Foram selecionadas no reposttório do Google Acadêmico com instrumento de coleta: obras literárias, estudos teóricos, revistas, artigos científicos, dissertações e teses que tratam da história da xilogravura, da literatura de
cordel e da vida e obra de J. Borges. Esse levantamento teórico fundamenta as discussões apresentadas ao longo do trabalho, permitindo compreender as contribuições estéticas, simbólicas e sociais dessas manifestações artísticas, como afirma Godoy:

> Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiai0s de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental. (GODOY,1995, p.21)

Por documento entende-se:

> A palavra 'documentos', neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade. (GODOY,1995, p.21-22).

As informações obtidas foram analisadas de maneira interpretativa, com foco na construção de sentidos e significados das expressões artísticas estudadas. A combinação entre pesquisa bibliográfica e documental permitiu construir uma base sólida para a compreensão da arte, cultura e identidade, aspectos centrais para a valorização das manifestações populares nordestinas do nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura deste artigo, foi possível perceber a importância do artista pernambucano José Francisco Borges como um dos grandes representantes da cultura nordestina do Brasil. Sua trajetória de vida e obra está profundamente pautada em duas expressões artísticas de grande relevância his-

tórica e simbólica: a literatura de cordel e a xilogravura, mesmo com a sua vida difícil, repleta de obstáculos, ele nunca desistiu em ser reconhecida não só no Brasil, mas mundialmente como um artista popular e conseguiu ainda em vida.

Através da pesquisa bibliográfica realizada, tornou-se evidente que o artista plástico, cordelista, poeta e xilógrafo não apenas produziu arte, mas também contribuiu significativamente para a preservação, valorização e difusão dessas manifestações culturais tradicionais no nosso país.

A literatura de cordel, com suas rimas marcantes e linguagem acessível, é um instrumento de memória coletiva que traz o cotidiano, os costumes, os mitos, a crítica, a religiosidade e os valores do povo nordestino. Já a xilogravura, com seus traços fortes e expressivos, oferece um complemento visual que amplia o alcance e a força das narrativas contadas nos folhetos de cordel. Juntas, essas duas formas de expressão se fortalecem e ganham vida nas mãos de artistas como J. Borges, cuja sensibilidade e compromisso com a cultura popular garantem sua continuidade por sucessão.

O cordelista e xilógrafo J. Borges, através de sua arte singular, tornou-se um símbolo da resistência cultural, do saber popular e da criatividade do povo sofrido que é nordestino, mesmo com toda a dificuldade encontrado o artista ressignificou sua trajetória. Sua obra rompeu fronteiras regionais e alcançou reconhecimento nacional e internacional, ocupando lugares em museus, exposições e acervos de instituições de prestígio. Isso demonstra que a arte popular, quando valorizada, pode conversar com diversos públicos e contextos sem perder sua essência.

Conclui-se, portanto, que o estudo da vida e da obra de J. Borges, bem como de sua relação com a literatura de cordel e a xilogravura, é fundamental para refletir sobre a importância da cultura popular como expressão legítima da identidade brasileira. Espera-se que este trabalho contribua para o reconhecimento do valor dessas manifestações e incentive novos olhares, pesquisas e ações voltadas à preservação e promoção da arte popular no país.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mônica do; DIAS, Cristiane; REIS, Reis; SANTOS, Elaine Cristina Moraes (orgs). Culturas ancestrais e contemporâneas na Escola. Novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Alameda |Editorial, 2018.

AMORIM, Maria Alice (2014), Patrimônios Vivos de Pernambuco; 2. ed. rev. e amp – Recife: FUNDARPE.

ANTUNES, W. A. Lendo e Formando Leitores. Orientações para o trabalho com literatura infantil, 1., vol. São Paulo, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: Os Percursos da Criação Popular. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 39, p. 143–158, 1995.

COSTELLA, Antônio F. Breve história ilustrada da xilogravura. Editora Mantiqueira, 2009. Campos do Jordão, SP.

DOS SANTOS, Maria Aparecida. J.Borges – A arte da xilogravura. Revista Educação -UNG--Ser- ISSN 1980-6469,v.4,n1, p.76-82, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Ediitora Atlas São Paulo, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995

J. Borges. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8837/j--borges>. Acesso em: 08 de Jun. 2025. Verbete da Enciclopédia.

HASHIMOTO, Madalena Natsuko. Desenvolvimento histórico da xilogravura no Japão

em confronto com o desenvolvimento da gravura na Europa. Estudos Japoneses, v. 12, p. 75–89, 1969. Disponível em: Acesso em: 2 jun. 202.

KÁCIA, Carol de; MELNIK, Mara Xavier. A contação de histórias na transdicipplinaridade da sala de aula. In: A educação nas múltiplas linguagens das artes. Org. Carol de Kácia, Paraná, Curitiba : Appris, 2016, p. 32 – 46.
LUYTEN, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros. Cordel: do oral ao virtual. São Paulo: Cortez, 1983.

SANTOS, Manuela Fonseca. A Literatura de Cordel. Revista de estudos Iberoamericanos. 2005.
SOUZA,Liêdo Maranhão de. O folheto popular: sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nambuco, Massangana, 1981.